

**O Criador na Criatura: A identidade do fundador da ABEU dentro da história de sua instituição e suas contribuições na Baixada Fluminense.**

Ronald Apolinario de Lira

UNIABEU

[laracna@yahoo.com.br](mailto:laracna@yahoo.com.br)

Em uma premiação ocorrida em outubro de 2009, oferecida pela ABE (Associação Brasileira de Educação) e ABI (Associação Brasileira de Imprensa), o professor Valdir Vilela agradece com as seguintes palavras: “... Mais um título que transfiro à ABEU. *Através dela me realizo*, materializando, dia a dia, o meu compromisso com a educação. Minha missão de vida.”<sup>1</sup>

Essas palavras estão localizadas num cartaz, logo na entrada da instituição, com fotos do evento solene. Nesse dia, o professor Vilela nos presenteia com a chave para compreender o movimento simbiótico – positivamente falando – que ocorre a cinquenta anos em municípios da Baixada Fluminense.

Realizar-se através de sua obra, dedicar cinquenta anos de sua vida para a educação e influenciar politicamente o município onde se instalou, lançando um vulto sobre a cidade de Belford Roxo, já são grandes feitos, principalmente quando grandes empresas escolhem o envolvimento pessoal com a direção do seu negócio, ao invés de modelos mais flexíveis de organização – veja o exemplo do Ponto Frio, Casas Bahia, Extra e Sendas que, nos dias de hoje compõem o grupo Pão de Açúcar, sendo que, a rede de supermercados Sendas sempre foi lembrada pela família que a fundou e mantinha. Mas o que queremos saber com essa história de crescente sucesso é como o criador se vê – e se reconhece – dentro de sua criatura.

Nesse sentido, o autor desse trabalho decidiu apresentar como a trajetória do presidente da ABEU – através de seu discurso autobiográfico – pode servir de fio para entendermos a história de sua instituição, sua importância local e sua contribuição na

---

<sup>1</sup> Grifo nosso.

esfera da Educação. Para isso, diversas entrevistas foram feitas, sendo que algumas ainda têm data futura.<sup>2</sup>

### **A criatura e os limites da pesquisa**

No seu artigo sobre o trabalho de arquivistas e historiadores quando da organização de um acervo de História, Tourtier-Bonazzi afirma (2008, p. 244) que podemos “querer enriquecer o conteúdo dos arquivos escritos conservados (...)”, mas o que fazer quando esses arquivos não existem e, quando existem, não são disponibilizados para pesquisa? A metodologia oferecida pela História Oral – deixando bem claro de antemão que ela não se resume apenas a essa utilização – se apresenta como uma possibilidade amiga para o historiador. Assim afirma a historiadora Verena Alberti (2004, p. 23): “Só convém recorrer à metodologia de História Oral quando os resultados puderem responder a nossas perguntas e quando não houver outras fontes disponíveis – mesmo entrevistas já realizadas – capazes de fazê-lo”.

Sem a possibilidade oferecida pela História Oral, não seria possível dar conta de um trabalho de pesquisa que tem como base a Educação na Baixada Fluminense, já que nessa localidade, inexistem arquivos públicos e toda a documentação cartorária e municipal é tida como particular ou, no mínimo, confidencial aos pesquisadores. O depoimento, a história de vida e o discurso autobiográfico puderam sanar muito do necessário, não só para o presente artigo, mas, principalmente, para toda a equipe envolvida na pesquisa, e não apenas isso. Inicialmente, acreditávamos que o depoimento serviria como uma compensação para a falta de fontes documentais, mas ao longo do trabalho, pudemos ver que, ao contar sua vida, o entrevistado ia, lentamente, ordenando memórias e construindo uma narrativa que não só dava cabo de sua própria história, mas nos oferecia diferentes elementos para compreendermos o caminhar da instituição e a organização social do município que a rodeia.

A sede da instituição é localizada numa área extremamente pobre – o município de Belford Roxo vítima de um clima de violência e do eterno título de “*cidade*

---

<sup>2</sup> O presente artigo é parte do projeto “Educação e Sociedade na Baixada Fluminense: a história da ABEU e UNIABEU”, composto por mim e pela professora Ivonete C. Campos Lima, juntamente com equipe de bolsistas. Ele envolve não apenas a história da instituição, mas também tenta dar conta da trajetória da educação na Baixada Fluminense como um todo.

*dormitório*” – e consegue manter-se ativa durante cinquenta anos alavancando-se num crescimento ininterrupto; não só expandindo-se para outros municípios como alcançando, ao fim, o status de centro universitário. E, dentro desse fenômeno, a figura de seu fundador, que desde o início direciona a sua instituição.

“*Mudar a vida das pessoas através da educação*”. Esse epíteto pode ser lido em todos os lugares do Centro Universitário ABEU, que não se resume apenas em uma instituição de ensino superior particular da Baixada Fluminense e de outros municípios Rio de Janeiro. A instituição cinquentenária é composta, hoje por colégios de ensino infantil, fundamental e médio; *campi* universitários e uma escola de formação técnica e tecnológica. Soma-se a esse conglomerado um *resort* em Petrópolis, na região serrana do Rio de Janeiro.<sup>3</sup>

De longe o ABEU – “Associação Brasileira de Ensino Universitário”, sigla que surge no fim dos anos 1970 com o início dos cursos de nível superior na instituição – é hoje uma das maiores instituições de ensino privado na Baixada Fluminense, não levando em conta, é claro, as instituições católicas ali residentes. Durante cinquenta anos o antigo “Ginásio Belford Roxo” foi se transformando em um nome respeitado na educação fluminense. Mas para entendermos a ABEU, é necessário entender seu fundador, o professor Valdir Vilela.

A tática de iniciarmos o trabalho apresentando primeiramente a “criatura” e não seu criador não é meramente um requinte de estilo, mas uma necessidade, pois é na sua criação que podemos compreender a trajetória do seu fundador e atual presidente. Sua biografia contribui diretamente sobre a educação na Baixada, de forma pessoal e direta assim como a instituição que criou. O lugar social representado pelo Professor Valdir se mescla com a sombra de seu construto.

## O criador e seu discurso

---

<sup>3</sup> Os *campi* da ABEU são: **Belford Roxo** – sede administrativa, escola de Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Médio, Ensino Superior; **Nilópolis** – escola de Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Médio, Ensino Superior; **Angra dos Reis** – escola de Ensino Fundamental e Médio, Ensino Superior; **Nova Iguaçu** (José do Patrocínio) – escola de Ensino Fundamental e Médio; **Nova Iguaçu** (CETEQ) Cursos tecnológicos de níveis Médio e Superior; **Petrópolis** – Centro de convenções e *resort*.

No seu livro “O Bispo”, a biografia do religioso Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Marcelo Tavolaro (2007, pp. 14-15) afirma:

(...) nós, os autores [do livro], Douglas Tavolaro, diretor de jornalismo e Christina Lemos, repórter especial em Brasília (...) somos funcionários da Rede Record de Televisão. Em português claro: Edir Macedo é nosso patrão. Como ter isenção para contar a vida de quem paga nosso salário?

Isso é uma questão que deve ser levada em consideração em pesquisas como esta que dispõe de uma bolsa de incentivo à pesquisa para traçar a história da Educação na Baixada Fluminense, mas, também a história da instituição que somos funcionários! Entrevistar seu patrão é uma situação difícil, além de um desafio à imparcialidade científica. Mas, ainda seguindo o mesmo Tavolaro na sua conclusão do assunto, nos apropriamos de suas palavras: “tínhamos consciência do valor jornalístico formidável dessa obra. Do que ela pode representar como *documento histórico*.” (TAVOLARO, 2007, p.15).<sup>4</sup> O “valor jornalístico” de Tavolaro poderia ser substituído por “valor histórico” para a pesquisa no qual esse artigo é uma pequena parte.

Até o presente momento o professor Vilela só tinha sido entrevistado por um historiador, segundo o ele; ainda que esse profissional não estivesse compilando uma história sobre o presidente da ABEU o sobre sua instituição de ensino, mas sobre o município de Belford Roxo. Esta é a primeira vez que uma equipe decide produzir essa história. O papel da “grande testemunha” (VOLDMAN, 2008, p.41) de sua própria história institucional representado pelo professor Valdir não poderia ser deixado de lado por nós, interessados na história da educação na Baixada e no papel da ABEU nisso tudo. A pertença ao grupo de funcionários não invalida a sincera intenção de produzir uma história isenta de comprometimento, principalmente pelo fato de o projeto já existir antes da bolsa de fomento, ou seja, não se trata de uma história encomendada pela instituição.

Mas, não podemos nos isentar completamente da parcialidade que todo o historiador pode permear em sua obra, já que, durante as entrevistas – e principalmente na construção prévia de seus roteiros – o historiador constrói a narrativa de seu trabalho junto com seu entrevistado. O laço institucional, longe de limitar a escrita, nos permite

---

<sup>4</sup> Grifo nosso.

ver, por dentro as engrenagens do construto. A entrevista, como afirma Verena Alberti (2004, p. 34) quando aborda a entrevista como “relato de ações passadas e resíduo de ações desencadeadas na própria entrevista”. O ato de entrevistar e de ser entrevistado pode ser percebido como uma obra composta por dois autores:

(...) enquanto na autobiografia há apenas um autor, na entrevista de História Oral há no mínimo dois autores – o entrevistado e o entrevistador. Mesmo que o entrevistador fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte do seu próprio relato – científico, acadêmico, político etc. – sobre ações passadas e também suas ações. (ALBERTI, 2004, p. 34)

Os encontros da equipe com o professor Valdir Vilela ocorreram, até o momento, duas vezes, acarretando entrevistas com, em média 150 minutos. Ele inicialmente não tinha ideia do nosso projeto, mas, desde o início, foi muito receptivo. Pudemos notar que, durante a primeira entrevista houve certa preocupação por parte do entrevistado referente ao uso dos dados a serem obtidos e seus usos futuros. No segundo contato, com a equipe completa, tivemos como expandir nossas dúvidas acerca da primeira entrevista. Logo de início, na segunda entrevista, o professor nos explica o prêmio recebido pela ABI / ABE:

V. V: Eu fui eleito agora em 2009, personalidade educacional pela ABE que é a Associação Brasileira de Educação e ABI, Associação Brasileira de Imprensa. Essas duas associações promovem esse evento, ele é apoiado pela Folha Dirigida, todo ano acontece e eu fui eleito por outras personalidades educacionais a personalidade de 2009. Eu fui receber o prêmio e ele está aí na entrada, eu sou contra a qualquer tipo de modéstia, mas eu estou dedicando isso à ABEU, pois foi a ABEU que me possibilitou ter sido escolhido, então eu estou transferindo aí esse prêmio à comunidade. Então, minha preocupação de início com a Baixada é um exemplo disso, *da trajetória desde 1958, é uma história que merecia ser escrita, a trajetória em torno disso, a origem, como começou (...)*<sup>5</sup>.

O professor Vilela tem consciência da importância que sua pessoa tem sobre a sua instituição, e no caminho inverso, que sua instituição tem sobre sua pessoa. A ideia de *trajetória* que o entrevistado propõe, um caminho que possui sentido e que deve ser registrado está premente em todas as suas falas com a equipe de trabalho.

---

<sup>5</sup> Entrevista de 04 de novembro de 2009. Grifo meu.

Seus depoimentos apontam uma vontade voraz de perpetuar sua história através do seu discurso linear, onde seus feitos se iniciam na educação e terminam nela. Ela se inicia em uma pequena cidade de Pernambuco, Bom Conselho, em meados da década de 1940,

V. Vilela: *Essa é uma história... é um livro.* Eu sou do nordeste. Sou pernambucano. Vim para o rio encaminhada pelos meus pais, para estudar. Eu tinha nove anos de idade. Na minha cidade, Bom Conselho, interior de Pernambuco, não havia ginásio e meus pais estavam preocupados em colocar-me em uma cidade vizinha, que era Garanhuns [...]. Em Garanhuns, havia ginásio. Meus pais estavam preparando-se para me matricular no ginásio em Garanhuns.<sup>6</sup>

Sua vida no interior de Pernambuco se modifica ao se mudar para o Rio de Janeiro para encaminhar seus estudos. No Rio, morando na casa de seus tios, Valdir Vilela se matricula no colégio Pio Americano, referência de ensino no município.

V. Vilela: A sede que eles estavam ainda tinha a estrutura antiga. Tinha até uma capela. Mas na época em que eu fui estudar lá já era leigo. Então eu fui para casa dele, ele procurou me localizar. O colégio era um internato e externato. Tinha alunos de todo Brasil e tinha alunos externos. Frequentava todo mundo.<sup>7</sup>

Durante anos, ele estuda no mesmo colégio, mas com o tempo, passa a ser funcionário. Com o passar dos anos, Valdir Vilela galga postos no colégio: subsecretário e secretário, mas com o despejo da escola de sua sede, as dificuldades financeiras abalam as suas estruturas. É decidido que, para manter a escola em funcionamento, um grupo de professores assumiria a instituição como uma sociedade:

V. Vilela: Pra se manter, o colégio teve que se transformar em uma sociedade de professores. Porque tinha o tempo de cãs naquele tempo, existia a estabilidade, não se podia mandar embora. Então, como eles eram antigos e tinham amor pelo colégio... os donos não puderam pagar, pois a arrecadação diminuiu muito, foi feita a sociedade. Trinta e dois professores, o único que entrou, na época para a sociedade fui eu, que ainda não era professor. Eu lecionava em curso de férias, dava aulas particulares, mas não era formado.

<sup>6</sup> Entrevista de 26 de junho de 2009. Grifo nosso.

<sup>7</sup> Idem.

Foi aí que se transformou em uma sociedade e começamos com entusiasmo, todo mundo agora é dono, vamos nos esforçar para melhorar.<sup>8</sup>

Com a sociedade formada dos novos donos do Pio Americano, teremos mais adiante no tempo, a união de quatro professores que serão o embrião da ABEU: Joaquim de Freitas, José Avenino Xanxão, José Vinícius Marinho e Valdir Vilela, já formado em matemática.

A equipe responsável pelo Colégio Pio Americano e mais um pré-vestibular no centro do Rio agora estava frente a um novo desafio: abrir um ginásio no coração da baixada Fluminense. O professor Avenino Xanxão casado com a professora Maria C. Pereira Xanxão, recebeu de seu sogro a proposta de dirigir uma escola ginásial no bairro de Queimados – ainda pertencente a Nova Iguaçu – a qual ele tinha construído em meio dos laranjais. A infra estrutura da Baixada nos anos 1950 era tipicamente rural; Nova Iguaçu era conhecida por seu grande potencial citricultor, o que não significava uma estrutura urbana, muito pelo contrário. Em Queimados da década de 1950 somente havia uma condução: o trem.

Os empreendedores assumiram o colégio, “Ginásio Manoel Pereira”, vendendo suas cotas do Pio Americano para um dos sócios. O investimento na região rural iguaçuana se tornou a única fonte de rendimentos para os quatro. Sabendo da impossibilidade e limitações da divisão dos lucros do ginásio entre quatro pessoas e da precariedade de transporte, o professor Valdir decide abrir um novo ginásio em Belford Roxo – sem se separar totalmente da equipe de Queimados –, que será conhecido como “Ginásio Belford Roxo”, o ano é 1959. Belford Roxo, ao contrário de Queimados, possuía uma melhor estrutura viária, além de presença política favorável para a construção de uma escola ginásial privada, inexistente naqueles dias.

Analisando o que temos de suas falas, está sempre presente a intenção não só de construir um novo empreendimento econômico, mas também trazer a educação para uma região onde a formação ginásial era inexistente. A visão de lucro não é inexistente no seu discurso, mas, já aqui, a idéia de missão se torna bem clara em suas entrevistas.

---

<sup>8</sup> Idem.

A construção do ginásio em Belford Roxo foi paulatina. Em um território pertencente a antigos barões, parte da Fazenda do Brejo, loteada por seus donos, inicia-se a construção:

V. Vilela : Eles tinham doado este terreno aqui onde hoje é a ABEU, para o Estado fazer um grupo escolar, mas o Estado não se interessou e no meio das conversas ele falou sobre este terreno, disse que o Estado não se interessou e disse que poderia me vender. Daí ele me vendeu o primeiro pedaço e eu com meus “fartos recursos”, com todas as dificuldades, comprei o terreno e comecei a construção, tem a foto aí. Então, eu comecei sozinho, mas eu arregimentei meus amigos do colégio Pio americano, os colegas de faculdade, eu tive uma ajuda muito grande, está aí o início da ABEU.<sup>9</sup>

Durante os vinte primeiros anos, o Ginásio Belford Roxo cresceu. Passa a oferecer o curso de admissão, cursos técnicos e Normal; passa a se chamar Colégio Belford Roxo. O primeiro curso na área técnica foi o de química. A idéia de um curso de tal envergadura – levando em consideração do custo de se construir um laboratório completo para as aulas práticas – num município da Baixada era, de longe um desafio. Segundo Valdir Vilela, esse foi o primeiro curso profissionalizante de química em uma escola privada no Estado. Ela contava com a organização do químico chefe da Bayer do Brasil, vizinha da escola. O curso não decolou como esperado, pois, com a presença da multinacional alemã na vizinhança, pensava Vilela, não haveria de faltar demanda para químicos de nível médio. Mas a Bayer não se mostrou interessada na absorção de profissionais locais. Desde a década de 1970, os diálogos entre a ABEU e a Bayer sempre se tornaram previsíveis, já que ambas possuíam a mesma idade no local, além de serem, ao longo do tempo, os maiores empreendimentos de Belford Roxo.

As tentativas de inserir uma educação diferenciada em Belford Roxo deram frutos em outros lugares ao longo do tempo. O nome passa a ser ABEU – ainda na década de 1970, quando do nascimento do curso superior em administração – Associação Brasileira de Ensino Universitário. Uma enorme expansão ocorre, com os campi de nova Iguaçu, incluindo o CETEQ, em 1981 e outro em Nilópolis. Na década de 1990, a ABEU se eleva à categoria de Faculdades Integradas e, em 2002 se torna

---

<sup>9</sup> Entrevista de 26 de junho de 2009.

Centro universitário, dividindo suas atividades: ABEU Colégios, administrando a gama da educação de ensino médio formal e técnico e UNIABEU, centralizando o controle das faculdades.

Mas onde se encontra o criador ao longo desse crescimento, de um espaço com algumas salinhas e um banheiro para um império empresarial de educação? Como ele diz, tudo se inicia desse jeito:

V. Vilela: (...) eu vislumbrei aqui... aqui tinha ônibus para a Praça Mauá, tinha táxi, ponto de táxi, tinha o trem, tinha duas linhas de ônibus para Nova Iguaçu e passava pertinho de onde eu morava em São Cristóvão, o ônibus daqui. Aqui era bem próximo de Nova Iguaçu, daí eu vislumbrei a possibilidade de abrir um ginásio aqui.<sup>10</sup>

Ele se encontra em todos os momentos da construção de sua obra, narra de forma pessoal e apaixonada cada passo, onde está pessoalmente presente. Nas poucas fontes iconográficas, ele está presente em todas as inaugurações e formaturas, seja no nível médio, técnico ou superior. É o diretor do colégio – assessorado por sua primeira esposa, no início –; o reitor das faculdades e o coordenador da expansão. Nada é feito sem sua opinião ou permissão até muito tarde. Ele aponta sua missão de forma exaltante:

V. Vilela: Eu me realizei e continuo me realizando, porque eu não espero morrer amanhã. Eu quero viver mais, mas eu quero viver de uma forma talvez mais contemplativa, não atuando. É claro que vou dar os meus pitacos aqui, ali, acolá, olhar, chamar a atenção, como faço hoje, não é bem assim, não é por aí. Isso eu fiz muito com o Roberto, um Reitor novo, sem experiência e eu tive que mostrar os caminhos. E vou fazer sempre, vou fazer com o Júlio, vou fazer com você se necessário for, com os professores, com os funcionários. Mas, quero ver a ABEU crescer e a ABEU sempre foi a minha meta, eu tenho espírito empreendedor, eu não vou me contentar, nunca me contentei com pouco, sempre me contentei com muito de qualidade. Porque o muito que eu digo, não é ser grande, imponente não, eu quero ser grande em poder dar o maior número de vagas aos estudantes da Baixada Fluminense e fazer com que eles possam ter... tenham a oportunidade de ter um curso técnico. Não foi possível, ainda não foi, nós fomos a melhor escola

---

<sup>10</sup> Entrevista de 26 de junho de 2009

técnica particular, talvez do estado do Rio de Janeiro, particular. Nós chegamos a formar 1.200 técnicos por ano, mestre! Olhe que não é brincadeira! 1.200 Técnicos nas várias habilitações. Então, a história está aí para contar. Nossa formatura era feita no Rio Centro, não tinha lugar pra comportar, nós deslocávamos alunos de ônibus daqui, eram quarenta ônibus para fazer uma formatura no Rio Centro, eu tenho as fotos aí, eu posso te mostrar depois, tem história.<sup>11</sup>

Um fato, que descobrimos apenas na última entrevista, nos deixou curiosos: a residência do professor Valdir se localiza *dentro* da sede da ABEU de Belford Roxo. Mesmo depois de um visível crescimento ao longo desse cinquentenário, o seu criador decidiu morar, desde o início, dentro de sua criatura.

Abordamos assim esse assunto na nossa última entrevista:

R. A: e o senhor mora aqui mesmo em B. Roxo?

V. Vilela: Sim, moro aqui mesmo dentro do campus, moro aqui do lado, minha casa é parede vizinha aqui, abriu a porta ali, está na minha sala (risos). Eu sempre morei aqui, desde o início da construção do Ginásio eu vim para aqui. Isso aqui era tudo mato, era até perigoso, quer dizer, perigoso não, mas dava medo ficar aqui dentro do mato e eu fiquei, sozinho às vezes durante a semana. Eu era corajoso, quando se é jovem se é impetuoso, tudo se pode, juventude é bom por isso. Impetuosidade às vezes trás coisas ruins, mas é característica da juventude. Então, eu me fixei aqui, gostei, casei a primeira vez e construí uma casa que é aquela que tem ali na frente onde é hoje pré-escolar, aquela casa foi construída por mim, casei e vim morar aqui. A minha esposa veio trabalhar comigo porque ela é professora também. Depois, uma vez morando aqui ela trabalhava comigo no Ginásio, daí já era colégio, já havia realmente avançado construções etc. e nesse caminhar fui convidado para ser Secretário de Educação de Nova Iguaçu. (...) Daí, fiquei aqui e gostei, nunca quis me afastar daqui. Vou te dizer, eu não me arrependo em momento algum, falavam que se eu morasse perto do colégio as pessoas iam me incomodar muito, até que eu construí uma casa muito boa e nunca tive problemas, moro aqui do lado e nunca tive problemas. Mas também, eu soube separar e conduzir, determinadas normas tem que ser seguidas, eu não posso ser incomodado. É uma tranquilidade muito grande morar aqui, estou aqui há cinquenta e tantos anos e nunca tive problema nenhum, nada. No meu

---

<sup>11</sup> Entrevista de 15 de março de 2010.

primeiro casamento moramos aqui, no segundo também, a família, estamos aqui.<sup>12</sup>

O depoimento acerca da sua escolha de morar dentro do campus deve se ligar a outra para que possamos esboçar uma conclusão do seguinte trabalho: quando o criador deixa de ser a criatura? Quando o professor Vilela deixa de ser o centro, o que se torna impossível com o tempo, para se tornar parte de um corpo de comando?

Sua presença física constante não evitaria o distanciamento do comando de sua criatura. Diferentemente dos grandes conglomerados citados no início do artigo, o professor Vilela consegue, ainda hoje governar pessoalmente seu construto, ainda que a descentralização tenha um certo lugar no seu império. Assim nos referimos à questão:

R. Lira: Nós sabemos que o senhor estava à frente, como o senhor mesmo disse, isso até certo ponto, até certo momento da ABEU, mas nós sabemos que a ABEU hoje é uma instituição múltipla, tem colégio, infantil, médio e superior, como hoje, em que momento o senhor deixa a cadeira do articulador para entrar um pouco mais na cadeira do apoio do *background*, o senhor além de ser o reitor da faculdade, ser o presidente. Em que momento o senhor viu que era o momento de pegar um pouco mais da articulação por trás das linhas e não à frente?

V. Vilela: O que motivou isso... é, em primeiro lugar, não tenha dúvida que eu estou começando a ficar cansado, porque não é brincadeira, é um desgaste realmente muito grande. Eu acho que eu mereço um alívio, ou seja, descansar um pouco mais, este é um dos motivos. E para dar oportunidade também aos mais novos, também isso e com a possibilidade de coisas novas. Quando nós envelhecemos, eu digo “nós”, eu não quero dizer a pessoa, eu digo a estrutura e com o cansaço também a pessoa vai deixando de ter um olhar mais apurado para as coisas no momento, do dia, um programa hoje, uma definição é hoje, amanhã já não é mais, é a evolução do mundo e de tudo. Então, eu acho que estava realmente na hora da ABEU ter um olhar mais atualizado, com o linguajar de hoje. Quando eu digo linguajar, eu estou me referindo ao know-how, a vivência, a participação do mundo atual, da evolução, não que eu não tenha, eu leio muito, eu estou atualizado, mas há o cansaço também físico. O cansaço físico ele vem por causa da idade, é natural e você não rende mais o que gostaria, então, tem que delegar, tem que colocar... experimentar outras

---

<sup>12</sup> Entrevista de 15 de março de 2010.

coisas, isso foi a motivação minha. Eu experimentei delegações, foi feito, mas não deu certo e eu tive que intervir, retornar para tentar novamente, isso acontece a toda hora porque é grande, não é? a ABEU é como uma prefeitura, uma prefeitura pequena mas é, tem todos os seus problemas, é uma loucura. Até em obra eu tenho que intervir para sair alguma coisa, construção de salas, nó estamos construindo aí, não sei se você viu, é ampliação aqui no Filgueiras. Então eu tive que voltar para ficar a frente senão não anda. Quando aparece um problema que eu tenho que intervir, eu tenho que intervir, mas não na estrutura acadêmica da faculdade nem do colégio, isso aí não. Eu quero que isso venha a fluir por intermédio do reitor e do diretor, da diretora dos colégios e que ela possa formar uma equipe e andar. Eu ficarei sempre como presidente para ir levando algumas coisas de tradição, de imagem, *meu nome e o da instituição têm que ser preservado, pois no mundo de hoje conta muito, não é? A imagem, a marca é realmente um dos grandes capitais em qualquer empresa.*<sup>13</sup>

R. Lira: Essa delegação de funções ela obedecia a lógica de funcionários? Como foi?

V. Vilela: Sim! Sempre foi, a minha tendência, a minha orientação sempre foi prestigiar o pessoal da casa, tanto é que o exemplo está aí, tem gente de trinta anos, trinta e tantos anos, houve muitos. Uns já faleceram, outros saíram por motivos variados, mas ainda tem remanescentes de longa data, só saem na realidade por motivos próprios ou falecimento ou por ter encontrado uma coisa realmente mais compensadora ou viajar, isso ocorre dessa forma e às vezes voltam. A minha administração sempre foi centrada, desde o início.<sup>14</sup>

O seu nome, sua marca. Essas duas palavras podem nos ajudar a compreender o andamento desses cinquenta anos de trabalho. A trajetória de Valdir Vilela, que, durante meio século atuou marcadamente em sua criação e, por conta dela se tornou um vulto importante nos lugares onde marca presença. Um bom exemplo foi sua atuação como secretário de Educação de Nova Iguaçu e conselheiro estadual de Educação na década de 1970. Claro que seu diálogo com a política local e estadual sempre se fez intenso, mas, sem dúvida foi sua bem-sucedida criação que lhe possibilitou vulto para tanto. Sua

<sup>13</sup> Entrevista de 15 de março de 2010. Grifo nosso.

<sup>14</sup> Idem.

marca e seu nome são a ABEU, pois não se pode facilmente separá-los ao longo do tempo.

Utilizando uma linguagem weberiana, poderíamos dizer que o carisma pessoal possuído pelo presidente da ABEU está intimamente ligado ao carisma institucional de sua obra. Não seria possível dar conta de toda a teoria weberiana sobre o carisma, onde essa *mana* ou *maga* se refere essencialmente – mas não exclusivamente – ao campo religioso (WEBER, 2004), mas não é novidade que o carisma pessoal do líder pode ser fruto da instituição de que faz parte, como, por exemplo, acontece com o líder da Igreja Católica – tendo consciência da enorme ousadia de tal comparação. Mas, mesmo na Igreja, os papas altamente carismáticos às vezes emprestam seu carisma à instituição, numa benigna forma de simbiose.

A existência de um carisma pessoal por parte do fundador da ABEU, o que pôde ter sido o segredo do sucesso da instituição durante seus cinquenta anos, um dia deverá ser posto à prova, quando este vier a falecer. Segundo Weber, a passagem do carisma do líder para seus seguidores não acontece de forma natural, mas sim numa rotinização. A dominação carismática dá lugar a uma forma burocratizada de organização, organizada pelos herdeiros ou outros gestores, formando um *quadro administrativo* (WEBER, 2004, V. 1, pp. 139-147). Na última entrevista, essa questão veio à tona:

R. Lira: O senhor acha que o seu construto, a sua obra de vida ela vai passar a ser uma obra da família?

V. Vilela: Em termo familiar, eu não tenho, digamos assim, uma sucessão familiar, porque a minha família nunca quis se enveredar, eu até tive algumas experiências, irmãos meus da segunda família do meu pai, eu tentei introduzir aqui na estrutura, mas eles mesmo não tinham aptidão e nem quiseram. Seguiram outros caminhos. Então, a preservação da ABEU... eu acho que vai ficar e eu farei isso, não tenha dúvida, não vou deixar a ABEU ficar acéfala, também não tenho a intenção que o governo tome conta disso, em absoluto. Eu sei o que isso deu pra ser construído e entregar isso para o governo, isso vai ter uma associação, a instituição vai continuar se Deus quiser, e muitas vezes melhor do que, talvez, até agora.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> Entrevista de 15 de março de 2010.

A instituição apontou grande crescimento de matrículas nos últimos anos. Seu crescimento é visível aos olhos de todos, assim como sua importância política e social nas áreas de atuação.<sup>16</sup> Ela é um dos últimos exemplos de instituições familiares longevas que temos nos municípios, o professor sabe que isso é um caráter em declínio, mas ainda assim acha que essa é a forma da ABEU:

V. Vilela: Como se diz, como todo comandante, vamos dizer assim, de indústria, de tudo a indústria é o resultado, quando vira uma sociedade anônima, acabou; as empresas familiares, que tem um começo e tem um fim talvez com o seu mentor ou seu idealizador sempre é o retrato. Se você vê, por exemplo, um Antonio Ermírio de Moraes, um grande capitão de indústria, claro que ele não tem condições de transmitir a personalidade dele, nem na administração maior, não tem; porque não dá tempo de convivência, de penetrar, e aí toma as decisões. Ele é visto como o realizador, é um homem que tem um trabalho realizado, de progresso, de interesse do país sem dúvida alguma. Então, quando é pequeno, familiar isso é mais diagnosticado, com mais precisão, é isso.<sup>17</sup>

Ao fim da última entrevista concedida, perguntamos ao professor Valdir:

R. Lira: E onde começa o professor Valdir e onde termina a ABEU? Essa é a pergunta da missão. Quando se fala em ABEU se pensa automaticamente no professor Valdir Vilela, e vice-versa, eu gostaria de saber se o senhor vê alguma separação entre o senhor e a ABEU?

V. Vilela: Não tem como separar a minha pessoa da ABEU e a ABEU da minha pessoa, eu acho! Não cem por cento, eu não digo que isso seja total, em absoluto! A ABEU tem o meu caráter, a minha maneira de ver, de enxergar, a minha ideologia, o propósito, está dentro da ABEU, não tenha dúvida que isso foi transmitido. Muita gente que está aqui dentro realmente é o produto, é o resultado disso tudo que nós tentamos construir, quer bem construído ou não, enfim. Se for analisar, eu posso ser olhado com todas as virtudes, e no caso, também com todos os defeitos que temos. Devo ter errado muito, mas sempre com o propósito do acerto, de querer fazer o melhor possível. Tanto isso é verdade Professor, que é uma instituição, é um empreendimento que teve um ideal, teve o sonho, o propósito e a construção,

<sup>16</sup> Segundo o próprio professor Valdir, o papel da ABEU na emancipação de Belford Roxo, ocorrida em 3 de abril de 1990 foi deveras relevante.

<sup>17</sup> Entrevista de 15 de março de 2010.

isso teve uma sequência, isso não foi aleatório. O meu propósito de vir para a Baixada... eu era do Rio, a tendência normal era eu continuar lá, eu já tinha um relacionamento... colégio já... ficar por lá, mas demandei à Baixada, e chegando aqui no caso de Queimados, eu verifiquei o seguinte, que havia uma carência muito grande. E havia mesmo. No caso de Queimados não tinha nada, fomos para lá com aquilo que lhe falei. Vim para aqui também, digo, não é aqui que eu vou cumprir com o meu ideal que está aí expresso na frase que nós usamos: “Melhorar a Vida das Pessoas Através da Educação!” Isso eu fiz desde o começo quando abri um ginásio aqui e tenho trabalhado, digamos, com muito afinco pra que isso se realize. E tanto é que isso cresceu, é uma organização, quer queira quer não. Quem não quiser realmente dizer isso está querendo realmente esconder alguma coisa. Está na cara, a ABEU está na cara. Então, as pessoas que me conhecem sabem disso tudo que eu estou falando aqui com você. O meu ideal, os meus propósitos, como você falou, o meu carisma, o que leva a entender como sou carismático, a simplicidade, a firmeza de propósito, não é? E o caráter enfim, que reúne tudo isso, com o olhar sempre para o carente, para o pobre. (...) E as pessoas reconhecem isso, todo mundo reconhece, quando a gente começa a falar das coisas e não sei aonde a gente separa o que é ABEU e o que é Valdir Vilela, então, isso eu confirmo e posso dizer que é verdade. Não sei como separar, por quê? Na minha apreciação e no dia a dia, no ver, no observar, no fazer e no praticar, eu encontro isso nas pessoas, quer dizer, eu forjei no caso concreto realmente uma coisa que está aí, se boa ou ruim, está aí e eu, naturalmente, serei carimbado com isso, o que prestar, vamos carimbar no professor Valdir que é a ABEU; e é isso que eu quero, que eu desejo, não interessa a mim, eu sou apenas um elemento que teve a oportunidade de fazer tudo isso. O que eu quero é perpetuar a ABEU, a ABEU é que tem que ficar e naturalmente dar continuidade a isso tudo que sem dúvida foi construída por nós, e digo mais, eu não tenho vaidade, construí tudo isso porque tive a capacidade de reunir pessoas boas junto de mim. Naturalmente, que no meio do caminho tem pessoas que [inaudível] em todo grupamento, mas eu tive essa sensibilidade e essa possibilidade. Deus me ajudou para que isso acontecesse. Sem dúvida alguma muitos que por aqui passaram contribuíram grandemente, agora esse poder de arregimentar, de chamar, de trazer para você, é cada um de nós que tem, é isso que você fala, carisma, é isso que você tem, e eu tive.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Entrevista de 15 de março de 2010.

Não há como separar o criador da criatura e ele tem plena consciência do fato. Traçando, ainda hoje uma história tão pessoal como administrativa, comandando sua *opera* acima das hierarquias que instituiu.

## Bibliografia

ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV. 2004.

TAVOLARO, Douglas. *O Bispo história revelada de Edir Macedo*. SP: Larousse. 2007

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. *Arquivos: propostas metodológicas*. In FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV. 2008

VOLDMAN, Danièle. *Definições e Usos*. In FERREIRA, Marieta M. e AMADO, Janaína. *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV. 2008

WEBER, MAX. *Economia e Sociedade*. São Paulo / Brasília: UNB / Imprensa Oficial, v.1. 2004. 422 p.